

Entrevista com Angela Mascelani

Angela Mascelani tem licenciatura em Educação Artística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. O mestrado em Artes Visuais e o doutorado em Antropologia Cultural foram realizados na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é diretora-presidente do Museu Casa do Pontal, no Rio de Janeiro.

Como o professor pode apresentar aos alunos o acervo popular brasileiro, ressaltando a importância da preservação da nossa identidade cultural?

Arte popular recobre um extenso conjunto de produções, reconhecidas como arte, feitas por homens e mulheres que desenvolveram seus talentos de forma tradicional, auxiliando e observando familiares, aprendendo com mestres ou outros membros de uma rede próxima, ou mesmo de maneira autodidata. Pode dizer respeito à música, à literatura de cordel, à poesia, à dança, à pintura e à escultura e remete aos que têm poucas posses, aos que não tiveram acesso à escolaridade formal, não cursaram escolas de arte, mas que encontraram meios alternativos de desenvolver suas melhores capacidades. Abrange uma gama de produções criativas, que tocam os sentidos e, ainda, a feitura de objetos manufaturados, aos cantos de trabalho, ao cancionário tradicional, às festas de origem religiosa, à produção de objetos os mais variados destinados tanto para a vida cotidiana como para os seus momentos cerimoniais, de lazer e festivos.

O Museu Casa do Pontal é um museu especializado, que abriga uma ampla parcela desta criação: as esculturas, os entalhes, os objetos tridimensionais. Criação que nasce no vasto campo do artesanato, mas que dele se desprende, dando origem a obras singulares, que falam tanto da cultura local e coletiva quanto das questões próprias aos indivíduos e às suas questões, ideias e talentos pessoais e únicos.

Seu acervo recobre a produção feita no último século em todo o Brasil e permite que seja contada a história dos hábitos, dos costumes, da vida econômica, social e cultural do país olhada do ponto de vista de seus autores.

Para bem apresentar esta rica produção, o professor deve, ele mesmo, procurar se informar sobre arte popular brasileira. Ler a respeito, pesquisar, evitando as ideias de senso comum que associam a arte dos menos privilegiados economicamente com algum gênero de pobreza. Num país extremamente hierarquizado como o nosso, colonizado econômica e culturalmente, o campo da arte ficou reservado apenas às produções criadas nos contextos elitistas culturais urbanos, influenciadas pelas artes europeias e norte-americanas. Deste modo, é importante pensar criticamente, conhecer e trabalhar com as obras e os artistas, explorando tanto sua capacidade temática quanto suas qualidades formais e estéticas.

Quais são as temáticas mais comuns na produção de arte popular brasileira?

O universo abrangido pela arte popular é imenso e permite ao professor tratar de praticamente todos os aspectos da vida. Desde questões ligadas à esfera pessoal e amorosa, até outras ligadas ao trabalho e à sobrevivência – no campo ou nas cidades –, percorrendo e permitindo que sejam discutidos assuntos os mais diversos. A arte popular, bem como outras

formas de arte, permite abordar questões mais superficiais, e não por isso menos importantes, como as festas de vizinhança, o dia a dia das famílias, os costumes presentes na vida rural e nas pequenas cidades, bem como outras mais complexas relativas aos modos de vida vigentes na contemporaneidade. Como exemplo deste último aspecto, falaremos da problemática recente relativa ao domínio das ruas, e que abrange desde os protestos e as festas, até seu uso na luta pela sobrevivência. Na arte popular brasileira esta dimensão da vida pública é fortemente documentada, sobretudo porque fala da vida dos menos privilegiados economicamente. Adalton Fernandes Lopes (RJ) e Antônio de Oliveira (MG) ajudaram a criar, por meio de suas obras, uma rica imagem da vida que fervilha nos espaços comuns da cidade, com maior ênfase para os subúrbios e as periferias. Inventariaram tanto as brincadeiras de crianças como os jogos de adultos, o trabalho de ambulantes e o uso das praças e dos espaços públicos para comemorações, danças e celebrações coletivas como o jongo, as festas juninas, o carnaval, a capoeira e o futebol. Outros autores, como Dadinho (RJ) e Celestino (CE) tratam a rua como espaço do exercício da cidadania.

Os materiais utilizados pelos artistas variam conforme a região onde eles vivem? Você tem algum exemplo?

Sim. No Vale do Jequitinhonha, por exemplo, uma das mais ricas regiões produtoras do artesanato cerâmico, e da arte popular, existem comunidades inteiras que trabalham apenas com um material: o barro. Do barro tiram tudo o que necessitam para a feitura das obras, incluindo até as tintas que vão colorir seus desenhos. Na região de Prados e Tiradentes, em Minas Gerais, onde até poucos anos atrás havia madeira nativa disponível, desenvolveu-se uma rica produção de esculturas. O mesmo se pode dizer de Juazeiro do Norte, no Ceará, onde os escultores utilizam uma espécie de madeira macia, a imburana, para dar forma a seres imaginários, bichos e outras imagens de grande riqueza imaginativa.

Qual é a principal motivação do artista popular ao desenvolver uma peça? Ele tem acesso aos equipamentos culturais? É também um consumidor de arte?

Em geral o artista popular está plenamente voltado para sua própria produção. E aqui falamos do artista popular tradicional, que vive nas regiões rurais e nos centros urbanos mais distantes das metrópoles, ou mesmo em suas periferias. Trata-se de pessoas sensíveis à beleza e à engenhosidade e que gostam de ver outras artes, mas nem sempre têm acesso a elas. Alguns entre os que costumam participar de feiras de artesanato e outras promoções congêneres têm mais oportunidade de viajar e conhecer diferentes formas de criação. Entre os que vivem em Juazeiro do Norte, no Ceará, para onde afluem multidões tendo em vista a experiência das romarias, veem muitas e diferentes formas de manifestações artísticas em sua própria cidade. Mas a realidade da maioria não é essa. A maioria está centrada na sobrevivência pessoal e familiar e em seu próprio trabalho.

A arte popular tem o mesmo reconhecimento que a arte erudita?

Não. A arte popular é ainda alvo de preconceitos, justamente porque poucos a estudam e muitos o fazem apenas episodicamente. A maior parte do conhecimento atual é gerada por matérias jornalísticas, as quais nem sempre realizam um exercício crítico. Exemplifico: quando alguém vai estudar arte na escola, o alvo dos estudos são os grandes nomes da arte

internacional: Picasso, Leonardo Da Vinci, Van Gogh. E no Brasil, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Lygia Clark, Hélio Oiticica e outros poucos. Isso ocorre justamente porque existem pesquisas sobre estes artistas, foram publicados livros, foi exercido um pensamento crítico. O mesmo tipo de interesse ainda não ocorreu em relação à arte e ao artista popular. Além de Mestre Vitalino, quantos outros artistas plásticos populares as pessoas que não se interessam especificamente por este campo poderão citar? E mesmo entre os que se interessam, porque a arte popular acontece a partir do campo do artesanato, e está muito acessível financeiramente, poucos se dão ao trabalho de se aprofundar em seu estudo, entender as linhas-chaves que definem os estilos, compreender que o artista, seja de que origem social e econômica for, cria uma linguagem. Para que a arte não precise de adjetivos (como popular e erudito, por exemplo) é preciso que se estude. É preciso ir além das manchetes de jornais. Embora ainda permaneçam o desconhecimento e a pequena valorização da produção, temos percebido grandes mudanças. Nas últimas décadas temos visto mais e mais pessoas se interessarem pela arte popular, por conhecerem os centros produtores, por viajarem e visitarem os artistas. O que me estimula a olhar de forma positiva, entendendo que este interesse seguramente vai gerar mudanças de posturas e formas de ver.

Como as obras chegam ao Museu Casa do Pontal? Quais os critérios de escolha dos trabalhos que farão parte do acervo do Museu?

O principal do acervo foi reunido por Jacques Van de Beuque, um colecionador francês que passou quase toda sua vida adulta trabalhando e vivendo no Brasil. Jacques interessou-se pela arte popular quando conheceu Mestre Vitalino em Pernambuco. Apaixonou-se pela forma como o artista modelava, por sua técnica apurada e pela força expressiva do que ele produzia. A partir deste contato passou a se interessar por conhecer outros artistas, fazendo desta atividade o centro de sua vida. O Museu Casa do Pontal nunca descontinuou suas coleções. Contudo, hoje, as aquisições estão ligadas a projetos de pesquisa desenvolvidos pela instituição. Visitar a exposição que trouxemos para o Sesc Belenzinho dá uma ideia da variedade de temas e das oportunidades de discussões, ou apenas, fruição, que este tipo de acervo gera. Então, fica aqui o meu convite, destinado, sobretudo, aos professores: a arte popular é a arte da vida e, no caso, da vida brasileira. Ela fala de nossa identidade porque produz e traduz a nossa própria realidade. Uso o termo “realidade” incluindo tanto as coisas concretas, relativas ao dia a dia mais prosaico, quanto as fantasias, a fé, os sonhos e os devaneios. Se você quiser contribuir conosco, compartilhe suas impressões sobre a arte popular brasileira com o Museu Casa do Pontal pelo nosso endereço:

faleconosco@museucasadopontal.com.br.